

**A SEMÂNTICA DE *FRAMES* APLICADA À LEXICOGRAFIA ELETRÔNICA:
REFLEXÕES SOBRE O DESENVOLVIMENTO DE UM DICIONÁRIO BILÍNGUE**

FRAME SEMANTICS APPLIED TO ELECTRONIC LEXICOGRAPHY:

REFLECTIONS ON THE DEVELOPING OF A BILINGUAL DICTIONARY

*Diego Spader de Souza*¹

*Aline Nardes dos Santos*²

*Ana Luiza Treichel Vianna*³

*Rove Luiza de Oliveira Chishman*⁴

RESUMO

No contexto de desenvolvimento do *Dicionário Paralímpico*, este artigo tem por objetivo refletir acerca do potencial da Semântica de *Frames* frente a questões lexicográficas e tradutórias. Para isso, o artigo retoma as bases teórico-epistemológicas que situam a teoria fillmoriana no campo da Linguística Cognitiva, enfatizando também o foco desse aporte na descrição lexical e lexicográfica, em âmbitos mais gerais ou mais especializados. Nessa frente, destaca-se o pioneirismo da plataforma FrameNet como ferramenta lexicográfico-computacional que organiza o léxico em *frames*, com base em *corpora*. O texto traz, ainda, um panorama quanto aos recursos lexicográficos baseados em *frames* produzidos pelo Grupo SemanTec, organizando o léxico dos domínios futebolístico, olímpico e paralímpico. A partir do trabalho com o *Dicionário Paralímpico*, atualmente em andamento, o artigo ilustra a pertinência do *frame* semântico como organizador do léxico da natação paralímpica. Desse modo, argumenta-se que o *frame* pode atuar como desambiguador em casos nos quais uma mesma palavra evoca diferentes estruturas conceptuais, bem como abranger, no processo tradutório, aspectos socioculturais atinentes à busca e organização de unidades lexicais equivalentes.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística Cognitiva. Semântica de *Frames*. Lexicografia Eletrônica. Tradução. *Dicionário Paralímpico*.

ABSTRACT

In the context of developing the *Paralympic Dictionary*, this article aims to reflect on the potential of Frame Semantics in addressing lexicographic and translation-related issues. To this end, it revisits the theoretical and epistemological foundations that situate Fillmore's theory within the field of Cognitive Linguistics, while also highlighting its focus on lexical and lexicographic description, both in general and specialized domains. In this regard, the FrameNet platform is underscored as a pioneering lexicographic-computational tool that organizes the lexicon into frames, based on *corpus* data. The article further presents an overview of frame-based lexicographic resources produced by the SemanTec Group, which organize the lexicon of the football,

¹ Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc), diegospader@unisc.br, <https://orcid.org/0000-0001-8989-4669>.

² Universidade Federal do Rio Grande (FURG), alinenardes@furg.br, <https://orcid.org/0000-0002-9302-484X>.

³ Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), analuiatzvianna@yahoo.com.br, <https://orcid.org/0000-0002-7315-7928>.

⁴ Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc/CNPq), rove.chishman@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0003-2287-5548>.

Olympic, and Paralympic domains. Drawing on the ongoing work with the *Paralympic Dictionary*, the article illustrates the relevance of semantic frames as structuring devices for the lexicon of Paralympic swimming. It is argued that frames function as disambiguating tools in cases where a single word evokes multiple conceptual structures, and that they also provide a means of incorporating sociocultural aspects into the translation process, particularly in the identification and organization of equivalent lexical units.

KEYWORDS: Cognitive Linguistics. Frame Semantics. Electronic Lexicography. Translation. *Paralympic Dictionary*.

1. Introdução

Desde os idos da década de 1980, com a publicação do artigo seminal *Frame Semantics* em 1982, o modelo teórico proposto por Charles J. Fillmore como resposta às limitações das chamadas “semânticas da verdade” tem demonstrado grande potencial dentro e fora daquilo que se pode considerar, *stricto sensu*, teoria e análise linguística. Com o avanço das tecnologias computacionais a partir da década de 1990, que impactaram significativamente os campos dos estudos lexicais – especialmente por conta da emergência da Linguística de *Corpus* –, a Semântica de *Frames* tem servido de base para a construção de recursos léxico-computacionais, um movimento iniciado pela inauguração da plataforma FrameNet de Berkeley (a qual retomamos com mais detalhamento na seção 3.1). Além disso, a teoria tem inspirado novas abordagens em áreas já consolidadas, como a Terminologia Baseada em *Frames* (Faber; Márquez Linares; Vega Expósito, 2005), bem como fomentado discussões sobre aplicações da Semântica de *Frames* como meio de enriquecer a prática tradutória (Boas, 2013).

Desde 2014, com o lançamento do *Field – Dicionário de Expressões do Futebol* (Chishman, 2014), o Grupo de Pesquisa SemanTec tem se dedicado ao desenvolvimento de recursos lexicográficos – trilingues ou bilíngues – online baseados em *frames*. O processo que se iniciou com o lançamento do primeiro dicionário deu origem, dois anos mais tarde, ao nascimento de um segundo recurso lexicográfico, o *Dicionário Olímpico* (Chishman, 2016). Atualmente, ainda em desenvolvimento, o grupo dedica seus esforços à compilação de um terceiro portal lexicográfico, o *Dicionário Paralímpico*, cujo objetivo é descrever, orientado pelos princípios da Semântica de *Frames*, o léxico constitutivo dos esportes paralímpicos⁵.

Diante das significativas contribuições do referido modelo teórico às áreas de Lexicografia, Terminologia e Tradução, bem como dos avanços em pesquisa trilhados pelo grupo, o objetivo deste artigo é refletir acerca do potencial da Semântica de *Frames* frente a questões tradutórias dentro do contexto de desenvolvimento do *Dicionário Paralímpico*, partindo de alguns exemplos que demonstram como os *frames* podem contribuir com a prática do tradutor.

⁵ Opta-se, neste trabalho, pelo uso do termo Lexicografia e não Terminologia para se referir aos dicionários esportivos em razão da natureza dinâmica e fluida dos léxicos por eles retratados. Diferentemente de domínios lexicais com maior estabilidade e normatividade, os domínios esportivos frequentemente mobilizam vocabulários mais permeáveis a variações discursivas, culturais e contextuais. Além disso, este trabalho, ao se alinhar à perspectiva teórico-metodológica da Semântica de *Frames*, parte do conceito de unidades lexicais, não de termos. A escolha por uma abordagem lexicográfica é, portanto, tanto metodológica quanto teórica, uma vez que dialoga mais diretamente com os princípios da Semântica de *Frames*.

A fim de atingir esse objetivo, este artigo está organizado da seguinte forma: após este texto introdutório, passamos à próxima seção, na qual abordamos os principais postulados da Semântica de *Frames*. Na seção 3, tratamos de sua relevância como aporte teórico-metodológico em contextos de Lexicografia e de Tradução. Em seguida, na seção 4, apresentamos os dicionários já desenvolvidos pelo grupo de pesquisa. Na seção 5, por sua vez, são trazidos alguns exemplos de desafios tradutórios no contexto do *Dicionário Paralímpico*, pontuando o papel da teoria fillmoriana em tais âmbitos. Por fim, realizamos as considerações finais e destacamos os desdobramentos que têm se refletido nas atuais etapas do projeto.

2. Semântica de *Frames*: uma breve contextualização

“[...] Fillmore não queria se tornar um linguista cognitivo de jeito nenhum. Ele era contra isso”⁶, disse George Lakoff (2016, p. 14, tradução nossa), em entrevista concedida a Helen de Andrade Abreu, sobre a participação do estudioso no estabelecimento da Linguística Cognitiva nos anos 1980. Lakoff volta no tempo e relembra o posicionamento de Fillmore quanto à relação entre linguagem e pensamento no desenvolvimento da Gramática de Construções:

[...] estávamos trabalhando numa proposta de notação para a Gramática de Construções no meu quintal um dia e tivemos um desacordo a esse respeito. Eu disse: “Essa notação deveria refletir como as pessoas pensam, deveria refletir a cognição”, e ele respondeu: “Não, não deveria”. Perguntei por quê, e ele disse: “A Gramática de Construções trata de lexicografia. O que se deve fazer é produzir descrições linguísticas que possam ser incluídas em dicionários e em gramáticas escritas, para que as pessoas possam compreendê-las facilmente e utilizá-las no ensino”. E então eu disse: “Espere um minuto, a linguagem diz respeito à cognição, à forma como pensamos”, e ele respondeu: “Não, não diz. Trata-se de palavras e de como combiná-las”. (Lakoff; Abreu, 2016, p. 15, tradução nossa)⁷

O excerto acima lança luz sobre a postura reservada de Fillmore diante da consolidação da Linguística Cognitiva como movimento dos estudos linguísticos. Embora Fillmore tenha, sem dúvida, contribuído – como fica evidente em Lakoff e Abreu, 2016 –, com o estabelecimento da Linguística Cognitiva a partir da sua Semântica de *Frames*, ele se mostrava reticente quanto à ideia de vincular sua proposta a uma teoria mais ampla sobre cognição. O trecho reflete um momento de divergência entre Fillmore e Lakoff: enquanto este enfatizava a necessidade de que a notação refletisse os processos cognitivos envolvidos no uso da linguagem, aquele defendia um enfoque mais aplicado, voltado à

⁶ No original: “Fillmore did not want to become a Cognitive Linguist at all. He was against it”.

⁷ No original: “We were trying to get to work together on Construction Grammar, because we had the idea that meaning came in there, I had accepted his Frame Semantics, and he didn’t accept the metaphor stuff at all. But we accepted Frame Semantics in Construction Grammar. And we were working on a notation for Construction Grammar in my backyard one day, and we had a disagreement about the notation. So, I said, ‘This notation should reflect how people think, it should reflect cognition’, and he said, ‘No, it shouldn’t’. And I said, ‘Why?’, and he said, ‘Construction Grammar is about lexicography. What you want to do is make linguistic descriptions that can be put in dictionaries and in written grammar, so that people can understand it easily and can be taught’. And I said, ‘Wait a minute, language is about cognition, about the way you think’, and he said, ‘No, it isn’t. It’s about words and how you put them together’”.

descrição linguística com fins lexicográficos, o que corrobora aquilo que o linguista já declarava em seus primeiros manuscritos sobre *frames*: seu maior interesse era na semântica lexical (Fillmore, 1982).

Por outro lado, em *Cognitive Linguistics*, publicado em 2004 por William Croft e D. Alan Cruse, a teoria de Fillmore aparece logo após o texto introdutório, no capítulo *Frames, domains, spaces: the organization of conceptual structure*. Nesse sentido, por que a Semântica de *Frames* figura como um dos modelos teóricos abordados em praticamente todos – senão todos – os manuais de Linguística Cognitiva? A resposta é simples: a experiência.

Em 1985, com a publicação de *Frames and the semantics of understanding*, Fillmore traça um paralelo entre aquilo que ele chama de *T-semantics – semantics of truth*, ou semântica da verdade – e *U-semantics – semantics of understanding*, ou semântica da compreensão. Fazendo uso desses termos, o autor posiciona a Semântica de *Frames* como uma teoria que rejeita a hipótese de que palavras e outros itens lexicais já vêm imbuídos de conteúdo semântico *a priori*, o qual, no contexto de um modelo veritativo, se traduz num conjunto de condições dispostas de modo a julgar valores de verdade (Fillmore, 1985).

Na contramão desse postulado, a Semântica de *Frames* entende o significado linguístico como construído de forma dinâmica, a partir da relação entre o uso da linguagem feito pelos falantes e a ativação de estruturas de conhecimento, isto é, os *frames*. Dando como exemplo a aprendizagem de língua inglesa como segunda língua, Fillmore (1985) comenta que não faria sentido apresentar aos estudantes a palavra *terça-feira* durante a primeira aula, *domingo* durante a segunda, *sábado* durante a terceira etc.; assim como deixaria qualquer um confuso aprender verbos como *comprar*, *vender*, *gastar* e *pagar* separadamente, de forma aleatória. Isso porque tais itens fazem parte, respectivamente, de esquematizações coerentes de experiência, sendo geralmente adquiridas em conjunto, já que aparecem juntas com frequência (Fillmore, 1985). Tal aspecto nos leva à própria definição de *frame* de 1982: “Com o termo ‘*frame*’, tenho em mente qualquer sistema de conceitos relacionados de tal modo que, para entender qualquer um deles, é preciso entender toda a estrutura na qual se enquadram [...]” (Fillmore, [1982]2009, p. 25).

Assim, ainda que Fillmore não quisesse se vincular explicitamente ao campo então nascente da Linguística Cognitiva, a formulação teórica da Semântica de *Frames* revela, em sua própria essência, uma visão profundamente alinhada aos pressupostos cognitivistas. A ideia de que o significado linguístico não está dado de forma estática, mas é construído de maneira dinâmica a partir da ativação de estruturas de conhecimento compartilhado (os *frames*), corresponde diretamente à concepção experiencial e enciclopédica de sentido que caracteriza a Linguística Cognitiva.

Consequentemente, ainda que Fillmore não tenha intencionalmente se inserido no movimento, seu trabalho acabou não apenas sendo absorvido como parte desse campo, mas também se tornou uma de suas principais referências teóricas. Hoje, a Semântica de *Frames* é amplamente reconhecida como um dos pilares conceituais da Linguística Cognitiva, o que demonstra que, mesmo à revelia de seu criador, o modelo se integra organicamente à visão de linguagem como fenômeno ancorado na cognição, na experiência e no uso.

Por fim, não foi preciso que Fillmore dissesse explicitamente que a estrutura semântica e a estrutura conceptual são correspondentes (Croft; Cruse, 2004); ao vincular a construção do significado a processos dinâmicos relacionados à experiência dos falantes e à estruturação do conhecimento, sua proposta já refletia esse princípio fundamental da Linguística Cognitiva. Mais do que isso, a Semântica de *Frames* revela uma orientação epistêmica compatível com a do modelo cognitivista: no contexto da teoria, o sentido de uma palavra não é redutível a uma referência única ou a um conjunto de condições de verdade, mas depende de redes complexas de conhecimento compartilhado. Nesse sentido, o modelo rompe com a concepção referencialista tradicional e se alinha ao paradigma experiencialista defendido por Lakoff e Johnson (1999), segundo o qual o significado emerge da interação entre cognição, corpo e mundo.

O foco pragmático de Fillmore na descrição lexical, mencionado anteriormente a partir de Lakoff e Abreu (2016) e do próprio Fillmore (1982), evidencia uma preocupação fundamental da Semântica de *Frames* com o desenvolvimento de uma matriz conceitual para a análise dos significados das palavras e expressões das línguas. Assim, mesmo sem aderir plenamente ao paradigma cognitivista, Fillmore – e, a partir da década de 1990, colaboradores como a lexicógrafa Beryl T. Atkins (cf. Fillmore; Atkins, 1992) e os linguistas Collin F. Baker e John B. Lowe (cf. Baker; Fillmore; Lowe, 1998) – pavimentou o caminho para que a Semântica de *Frames* se tornasse uma ferramenta teórica robusta e fecunda no campo da Lexicografia. Boas (2013) enriquece o debate quanto às aplicações da Semântica de *Frames* ao campo dos estudos lexicais, aproximando a teoria da área da Tradução e defendendo que o conceito de *frame* semântico pode atuar como fator determinante na busca por melhores equivalentes tradutórios, bem como na compreensão de fatores socioculturais atrelados a casos difíceis em que não há equivalência, por exemplo. A seguir, abordamos tais questões com mais profundidade. Passemos, então, à próxima seção.

3. Da teoria à prática: a Semântica de *Frames* na Lexicografia e na Tradução

3.1. *Frames* e Lexicografia

A Semântica de *Frames*, como já foi estabelecido anteriormente, fundamenta-se na ideia de que o significado das palavras está intrinsecamente ligado a estruturas cognitivas chamadas *frames* – representações esquemáticas de situações prototípicas. Com base nessa dinâmica conceptual, Fillmore e Atkins (1992) esboçaram a ideia de um recurso lexical online baseado em *frames*, de forma a possibilitar diversos estudos a partir desse dicionário. Assim idealizavam o recurso:

[...] imaginamos, para algum futuro distante, um recurso online lexical, ao qual podemos nos referir como um dicionário “baseado em *frames*”, que será adequado aos nossos objetivos. Nesse dicionário [...], os sentidos das palavras, as relações entre os sentidos de palavras polissêmicas, e relações entre (os sentidos das) palavras semanticamente relacionadas estarão conectadas a estruturas cognitivas (ou “*frames*”), dos quais é pressuposto conhecimento para se entender os conceitos codificados pelas palavras. [...] serão disponibilizados meios de se dar ao usuário acesso a descrições dos *frames* conceptuais associados, permitindo que o

consulente que quiser ser lembrado das propriedades dos *frames* associados a determinada palavra possa abrir uma outra janela a conter essas informações [...]. (Fillmore; Atkins, 1992, p. 75, grifo nosso, tradução nossa)⁸

A plataforma da FrameNet (<https://framenet.icsi.berkeley.edu>), criada no *International Computer Science Institute*, da Universidade da Califórnia, em Berkeley, entrou em operação em 1997, tendo como público-alvo professores, alunos e demais pesquisadores com diferentes propósitos ligados à Linguística Computacional. O projeto já dispõe de aproximadamente 1.000 *frames* semânticos e mais de 12.000 unidades lexicais. Baker, Fillmore e Lowe (1998, p. 88, tradução nossa) descrevem o trabalho desenvolvido pela FrameNet da seguinte forma: “O projeto FrameNet de Berkeley está produzindo descrições semânticas baseadas em *frames* de milhares de itens lexicais do inglês, apoiando essas descrições em ocorrências semanticamente anotadas provenientes de *corpora* do inglês contemporâneo”.

Sendo assim, a FrameNet se trata de uma base de dados lexical do inglês contemporâneo que organiza o léxico em unidades lexicais e *frames*. Cada *frame* descreve uma situação ou evento, como *Apply_heat*⁹ (“aplicar calor”, associado ao evento de cozinhar), e identifica os elementos participantes, denominados elementos de *frame*, como *container* (“recipiente”), *cook* (“cozinheiro”), *food* (“alimento”), *heating_instrument* (“fonte de calor”) e *temperature_setting* (“ajuste de temperatura”). As unidades lexicais são as palavras e expressões que evocam esses *frames*, como, por exemplo, os verbos *fry* (“fritar”), *bake* (“assar”) e *boil* (“ferver”) no caso do *frame* *Apply_heat*. A figura 1 ilustra a tela do *frame* *Apply_heat*.

⁸ No original: “[...] we imagine, for some distant future, an online lexical resource, which we can refer to as a “frame-based” dictionary, which will be adequate to our aims. In such a dictionary [...], individual word senses, relationships among the senses of polysemous words, and relationships between (senses of) semantically related words will be linked with the cognitive structures (or “frames”), knowledge of which is presupposed for the concepts encoded by the words. [...] will be provided the means for giving the user access to descriptions of the associated conceptual frames, allowing the user who wishes to be reminded of the properties of the frames associated with a given word to open an additional window that presents information about it [...].”

⁹ Seguindo as convenções da FrameNet, a apresentação dos nomes dos *frames* é feita com a fonte Courier New (cf. Boas; Dux, 2017).

Figura 1: Representação do *frame* Apply_heat

Apply_heat [Lexical Unit Index](#)

Definition:

A **Cook** applies heat to **Food**, where the **Temperature_setting** of the heat and **Duration** of application may be specified. A **Heating_instrument**, generally indicated by a locative phrase, may also be expressed. Some cooking methods involve the use of a **Medium** (e.g. milk or water) by which heat is transferred to the **Food**. A less semantically prominent **Food** or **Cook** is marked **Co-participation**.

Sally FRIED **an egg** **in butter**.

Sally FRIED **an egg** **in a teflon pan**.

Ellen FRIED **the eggs** **with chopped tomatoes and garlic**.

This frame differs from Cooking_creation in focusing on the process of handling the ingredients, rather than the edible entity that results from the process.

FEs:

Core:

Container [Container]
Semantic Type: Container

The **Container** holds the **Food** to which heat is applied.
Jim **BROWNED** the potatoes **in a medium-sized pan**.
Things that apply the heat directly are Heating_instruments, e.g. crock pot, electric skillet.

Cook [Cook]
Semantic Type: Sentient

The **Cook** applies heat to the **Food**.
Steve SAUTIEED the garlic in butter.

Food [Food]

Food is the entity to which heat is applied by the **Cook**.
Suzy usually **STEAMS** the broccoli.
In instructional imperatives, this FE, which would be used for the (missing) object, is tagged CNT:
COOK on low heat for two hours **CNT**.

Heating_instrument [Heat_instr]
Semantic Type: Physical_entity

This FE identifies the entity that directly supplies heat to the **Food**.
Jim **BROWNED** the roast **in the oven**.
This FE will take precedence over **Container** when both are expressed in the same constituent. For example:
Kate **COOKED** the rice **in a rice-cooker**.

Temperature_setting [Temp]
Semantic Type: Temperature

This FE identifies the **Temperature_setting** of the **Heating_instrument** for the **Food**.
He **BAKED** the cookies **at 350 degrees** for 11 minutes.
She **MICROWAVED** the popcorn **on high**.
You can't **COOK** popcorn **on low heat**.

Fonte: FrameNet (2025).

A base de dados da FrameNet é dividida em duas partes (Fillmore; Johnson; Petruck, 2003, p. 240): base de dados lexical e base de dados de anotação. A base de dados lexical fornece informações relacionadas a unidades lexicais, *frames* e elementos de *frame*, relações entre *frames* – tudo o que é necessário para caracterizar as unidades lexicais. A base de dados de anotação contém as sentenças anotadas juntamente com os *subcorpora* dos quais foram extraídas. Para cada palavra evocadora, há camadas de anotação contendo os elementos de *frame*, classes gramaticais e funções gramaticais. Fillmore e Baker (2010) explicam que o método de pesquisa adotado pelo projeto:

[...] consiste em encontrar grupos de palavras cujas estruturas de frames podem ser conjuntamente descritas, devido ao fato de partilharem padrões e contextos esquemáticos comuns de expressões que podem se combinar com elas para formar frases ou sentenças maiores. Tipicamente, as palavras que partilham de um mesmo frame podem ser usadas como paráfrases umas das outras. As propostas gerais do projeto buscam oferecer descrições confiáveis de propriedades combinatórias sintáticas e semânticas de cada palavra do léxico e reunir informações sobre modos alternativos de se expressar conceitos dentro de um mesmo domínio conceptual. (Fillmore; Baker, 2010, p. 321, grifo nosso, tradução nossa).¹⁰

¹⁰ No original: “The method of inquiry is to find groups of words whose frame structures can be described together, by virtue of their sharing common schematic backgrounds and patterns of expressions that can combine with them to form larger phrases or sentences. In the typical case, words that share a frame can be used in paraphrases of each other. The general purposes of the project are both to provide reliable descriptions of the syntactic and semantic combinatorial properties of each word in the lexicon, and to assemble information about alternative ways of expressing concepts in the same conceptual domain.”

A relação entre a Semântica de *Frames* e a Lexicografia é central na FrameNet, pois a plataforma permite uma descrição mais rica e contextualizada do significado das palavras, de forma que ela pode ser utilizada por lexicógrafos na busca por meios de tornar o conteúdo dos dicionários mais próximo das experiências dos usuários. Além disso, ao invés de listar definições isoladas, a FrameNet fornece exemplos de uso real das palavras extraídos de *corpora*, anotando como os elementos de *frame* se realizam sintaticamente nas sentenças, o que contribui com informações quanto a valências verbais e combinações sintáticas, enriquecendo a compreensão dos lexicógrafos sobre o comportamento dos itens lexicais no uso.

A iniciativa da FrameNet inspirou projetos semelhantes em diversas línguas, como a FrameNet Brasil (Salomão, 2009; Gamonal; Torrent, 2015), que adapta os princípios da Semântica de *Frames* ao português brasileiro. Esses projetos internacionais demonstram a aplicabilidade da abordagem em contextos linguísticos variados, contribuindo para a construção de recursos lexicográficos mais ricos e conectados aos conhecimentos dos falantes.

A relação da Semântica de *Frames* com a Lexicografia Eletrônica já era vislumbrada por Fillmore no início da década de 2000, quando ocorreu a publicação do texto *Double-Decker Definitions: The Role of Frames in Meaning Explanations* (Fillmore, 2003). No manuscrito, Fillmore comenta que o potencial da teoria só poderia ser, de fato, explorado em um contexto lexicográfico livre das restrições e limitações impostas pelo mercado editorial aos dicionários impressos. Ostermann (2015) vê na Semântica de *Frames* uma forma de enriquecer a microestrutura dos verbetes desses dicionários a partir da seleção de exemplos mais bem contextualizados; Fillmore, contudo, em 2003, vai muito além, apontando para a necessidade de que as palavras sejam, realmente, *pontos de acesso*. O que se quer dizer com isso? Se, de acordo com a teoria, a palavra evoca o *frame*, então, em um dicionário baseado em *frames*, é necessário que a entrada lexical (ou verbete, ou lema) sirva de caminho para a estrutura de conhecimento que ela ativa. Ela tem de ser *clicável*. Esse tipo de recurso, com hiperlinks, também permitiria mapear as conexões entre unidades lexicais e *frames*, criando um dicionário que se assemelha muito mais a uma rede de conhecimento do que a uma lista estática de palavras.

Ao encontro disso, a pesquisa de Schryver (2003), ao fazer um levantamento bibliográfico para analisar as conquistas da Lexicografia com a chegada do hipertexto, salienta que os dicionários armazenados online “[...] são os únicos com potencial de ser usados por qualquer pessoa no mundo gratuitamente” (Schryver, 2003, p. 157). Consoante o autor, as vantagens desse novo modo de organização dicionarística implicam melhorias em várias dimensões, incluindo-se a possibilidade de se fornecerem pesquisas sugestivas que direcionem o consulente perante equívocos ortográficos; eliminação de restrições trazidas pelo texto linear, possibilitando que o usuário percorra mais eficazmente as entradas e suas inter-relações; além das referências cruzadas realizadas pelos hiperlinks, que podem fornecer mais facilmente notas gramaticais e outras informações. As facilidades de acesso a um recurso lexicográfico eletrônico também passam pela possibilidade de restrição da metalinguagem, evitando-se o excesso de abreviações e símbolos, já que essas categorizações podem ser escritas integralmente (Schryver, 2003, p. 183).

Dessa forma, a Semântica de *Frames* se revela não apenas como um modelo teórico pertinente à descrição do significado, mas também como uma base conceitual compatível com as possibilidades oferecidas pela Lexicografia Eletrônica. Ao propor que as palavras sejam tratadas como pontos de acesso a estruturas de conhecimento, Fillmore antecipa uma concepção de dicionário como rede navegável, dinâmica e interconectada.

3.2. *Frames* e Estudos da Tradução

A Semântica de *Frames* tem se mostrado uma ferramenta teórica promissora não só no contexto da Lexicografia, mas também na interface entre esta e o campo dos Estudos da Tradução, especialmente no âmbito dos dicionários bilíngues especializados. Ao compreender o significado como uma ativação de estruturas cognitivas enciclopédicas – os *frames* –, essa teoria oferece uma abordagem experiencial do léxico, centrada na relação entre linguagem e conhecimento de mundo (Petrucci, 2001). Tal concepção permite que os itens lexicais não sejam tratados como unidades isoladas, mas como elementos que evocam cenários interpretativos compartilhados, revelando a Semântica de *Frames* como um modelo teórico pertinente para contextos em que os significados das palavras estão ancorados em práticas culturais.

No campo da Tradução, os desafios decorrentes da busca por equivalências lexicais são amplamente reconhecidos. A dificuldade em encontrar termos que expressem não apenas a correspondência linguística, mas também alinhamento conceitual e funcional entre duas línguas, tem sido abordada por autores como Gouws (1996, 2002), Zgusta (1979) e Adamska-Sałaciak (2016). A Semântica de *Frames* contribui para enfrentar esses desafios ao oferecer um modelo que considera as estruturas conceituais por meio das quais os falantes organizam cognitivamente suas experiências. Dessa maneira, ao traduzir um termo, não se busca apenas uma correspondência formal, mas uma equivalência de cenário: a tradução ideal será aquela que evoca, na língua-alvo, um *frame* tão próximo quanto possível daquele evocado na língua de origem.

Conforme Adamska-Sałaciak (2016), os equivalentes podem ser classificados como cognitivos – os primeiros que vêm à mente e que funcionam em diversos contextos – ou translacionais – aqueles que se adequam apenas a contextos específicos. A teoria de Fillmore contribui diretamente para a escolha entre esses tipos, ao permitir uma análise semântica situada, baseada no cenário conceitual que dá sentido ao termo.

Além disso, a noção de equivalência prototípica, proposta por Neubert (1990) nos termos de Lakoff (1982), se articula de maneira natural à Semântica de *Frames*, na medida em que a ativação de *frames* permite ao tradutor acessar representações mentais prototípicas que orientam o julgamento tradutório. Em casos de lacunas lexicais ou referenciais, situações em que não há termo estabelecido na língua-alvo, a estruturação por *frames* fornece um caminho metodológico para interpretar a cena conceitual e selecionar estratégias de tradução adequadas, seja por meio de paráfrases explicativas, seja por equivalentes culturais próximos.

A Semântica de *Frames* contribui para desambiguar significados, contextualizar termos e preservar, na tradução, os valores culturais e cognitivos associados ao léxico de partida. Ao alinhar estrutura lexical, experiência e cognição, a teoria se consolida como um modelo eficaz para lidar com os desafios contemporâneos da tradução especializada.

A partir dessa concepção de significado ancorado em estruturas cognitivas experienciadas culturalmente, a Semântica de *Frames* ultrapassa a correspondência literal entre palavras. Como destaca Boas (2013), a utilização de *frames* permite não apenas a identificação de unidades lexicais em diferentes línguas que evocam estruturas semelhantes, mas também o mapeamento das combinações sintáticas e semânticas específicas dessas unidades, possibilitando a construção de descrições lexicais comparáveis entre línguas. A proposta de criação de dicionários bilíngues baseados nessa teoria, por exemplo, parte da premissa de que os significados das palavras podem ser organizados por meio de *frames* compartilhados ou contrastivos entre os idiomas de partida e de chegada.

No âmbito dessa proposta, os *frames* funcionam como dispositivos estruturantes para entradas lexicais paralelas. A partir do mapeamento das unidades lexicais que evocam um *frame* específico (como *argue*, no inglês, ou *streiten*, no alemão, dentro do *frame* *Communication_Conversation*), é possível estabelecer vínculos sistemáticos entre as propriedades sintáticas e semânticas de cada uma dessas formas nas respectivas línguas. Essa metodologia, conforme mostra Boas (2013), permite a construção de fragmentos lexicais paralelos que documentam as valências sintáticas dos verbos nas duas línguas, bem como associam essas valências a elementos de *frame* específicos, oferecendo ao tradutor um instrumento analítico mais refinado do que os encontrados em dicionários tradicionais.

A aplicabilidade da teoria para os Estudos da Tradução se torna ainda mais evidente quando se considera que a equivalência entre itens lexicais muitas vezes não se dá em nível direto, mas sim por meio de configurações sintáticas e semânticas que refletem diferentes perfis perspectivais de um mesmo cenário. Por exemplo, o verbo *announce*, em inglês, pode evocar o *frame* *Communication_Statement* sob diferentes perspectivas, enfatizando ora o locutor, ora o meio, ora a mensagem. Já em alemão, diferentes formas verbais são selecionadas de acordo com essas nuances, como *bekanntgeben*, *ankündigen* ou *durchsagen*, cada uma evocando facetas específicas do mesmo *frame* — ou mesmo de *frames* distintos, conforme o caso (Boas, 2013).

Esse tipo de análise revela a importância de se considerar, na tradução, o conteúdo proposicional de uma sentença, além do modo como esse conteúdo é apresentado, ou seja, sua função e forma. Conforme argumenta Czulo (2017), o processo tradutório envolve o entrelaçamento entre forma, função e semântica, e os *frames* oferecem uma maneira eficaz de descrever tais relações. Em sua proposta de um modelo que centraliza o conceito da teoria fillmoriana, o autor sustenta que os aspectos semânticos, representados pelos *frames*, devem ocupar posição central nas decisões tradutórias, ainda que, em determinados contextos, fatores formais ou funcionais possam se sobrepor à semântica.

Outro ponto relevante é a possibilidade de representar e explicar mudanças de perspectiva entre línguas a partir da estrutura hierárquica dos *frames*. Fillmore, Johnson e Petruck (2003) apontam

que os *frames* mantêm entre si relações como herança, causação e precedência. Assim, quando uma sentença de origem e sua tradução evocam *frames* diferentes, mas semanticamente relacionados (como *Existence* e *Event*), é possível ainda sustentar uma equivalência conceitual, embora parcial, entre os enunciados. Isso abre espaço para pensar a equivalência tradutória não mais como uma identidade formal, mas como uma semelhança de estrutura experiencial.

As implicações dessa abordagem são especialmente importantes em situações de lacunas lexicais – casos em que não existe, na língua-alvo, um item que evoque exatamente o mesmo *frame* que o termo original. Nessas situações, o tradutor pode recorrer ao uso de paráfrases, perífrases ou reformulações conceituais baseadas na estrutura do *frame* original, com o objetivo de preservar a estrutura cognitiva que sustenta o significado. Isso é particularmente útil na tradução de termos técnicos ou culturais, que muitas vezes exigem um alto grau de adaptação contextual e cognitiva.

Além disso, a proposta de dicionários multilíngues baseados em *frames*, como a própria FrameNet e seus desdobramentos em outros idiomas, se mostra uma aplicação direta da teoria para os Estudos da Tradução. Esses recursos permitem o mapeamento cruzado de *frames* e unidades lexicais em diferentes línguas, oferecendo uma base comum para análise contrastiva e tradutória. A reutilização de *frames* entre línguas, conforme defende Boas (2013), viabiliza a construção de dicionários paralelos mais coerentes, fomentando uma abordagem mais sistemática e fundamentada da equivalência lexical e estrutural.

4. Recursos lexicográficos do Grupo SemanTec: o *Field* (2014) e o *Dicionário Olímpico* (2016)

O *Field*, lançado, em sua primeira edição, em 2014, com vistas a coincidir com a Copa do Mundo a ser realizada no Brasil à época, pode ser definido como um recurso lexicográfico online trilingue, que descreve informação lexical do domínio do futebol com base em *frames* semânticos em português, inglês e espanhol. O *Field* surge, primeiramente, como um desdobramento de um projeto de pesquisa anterior, cujo objetivo se resumia à anotação de *corpus* monolíngue (em português brasileiro) com base nos *frames* semânticos do projeto *Kicktionary* (Schmidt, 2009).

Partindo desse processo de anotação semântica e da apropriação da interface entre a Semântica de *Frames* e o campo da Lexicografia, o grupo de pesquisa se interessou pela possibilidade de dar seguimento à pesquisa com o domínio do futebol a partir da estruturação de um recurso dicionarístico voltado a um modelo de usuário não especializado. Isso quer dizer que, diferentemente de portais como a FrameNet, que apresentam informação voltada a enriquecer as práticas de profissionais de campos da Linguística e da Computação, a ideia de dicionário baseado em *frames* que se tinha em mente era de um recurso acessível a qualquer pessoa interessada em entender a dinâmica do domínio futebolístico. Atkins e Rundell (2008) destacam a importância de se delinear um perfil de usuário para o dicionário, uma vez que esse é um dos elementos fundamentais que orientam as decisões quanto à construção do recurso em seus níveis micro, médio e macroestruturais.

Isso não significa, contudo, que houve uma ruptura significativa em relação àquilo que se pode esperar de um recurso baseado na Semântica de *Frames*. Ao adentrar a plataforma, o usuário, após fazer a escolha pelo idioma (português brasileiro, inglês ou espanhol), tem a opção de navegar pelas quase 700 unidades lexicais (chamadas de “palavras”) ou os 38 *frames* (chamados de “cenários”). Esse tipo de adaptação terminológica teve o objetivo de tornar a lógica do dicionário mais acessível ao usuário não linguista. A figura 2 mostra a tela inicial do *Field*.

Figura 2: Tela inicial do *Field*

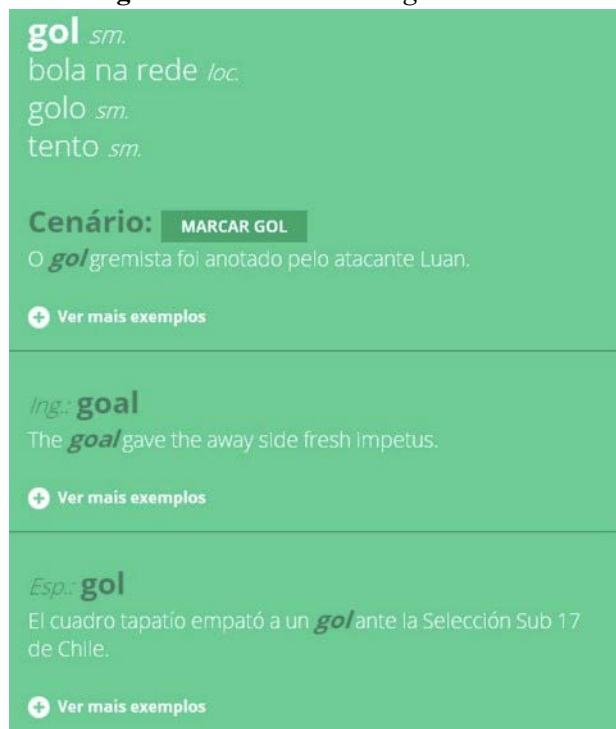


Fonte: Chishman (2014).

Cabe salientar, como evidenciado pela figura 2, que a escolha inicial pelo português, inglês ou espanhol estabelece o idioma da interface que o usuário acessa; independentemente dessa escolha, ele sempre poderá consultar os dados em qualquer uma das três línguas, reforçando que se trata, de fato, de um dicionário trilingue.

A navegação pelas unidades lexicais, à primeira vista, assemelha-se à de um dicionário tradicional; o usuário, partindo da seleção de um lema, pertencente a uma lista de lemas organizados alfabeticamente, acessa uma microestrutura que estrutura um conjunto de informações semânticas. Aqui, a opção pela Semântica de *Frames* como princípio organizador do dicionário se manifesta a partir da ausência de uma definição tradicional; o que se tem no lugar é um hiperlink para o *frame* correspondente. Além disso, a microestrutura da unidade lexical também é composta por: (i) variantes da lexia lematizada, (ii) informações gramaticais, (iii) equivalentes tradutórios para os outros dois idiomas e (iv) exemplos de uso. Com exceção de (ii), todos os outros itens foram identificados, analisados e compilados a partir do estudo de *corpora* comparáveis do domínio do futebol, os quais foram compilados manualmente e cujos dados foram tratados e processados a partir do uso de ferramentas do *software* Sketch Engine (Chishman *et al.*, 2015). A figura 3 ilustra a microestrutura da entrada lexical *gol*.

Figura 3: Unidade lexical *gol* no *Field*



Fonte: Chishman (2014).

Um aspecto a ser destacado sobre a seleção dos equivalentes tradutórios para as unidades lexicais do *Field* é que a robustez dos *corpora* compilados desempenharam um papel crucial. O futebol é um esporte que goza de grande popularidade a nível global, sendo praticado de forma profissional ou não em diversos países do mundo – especialmente no Brasil, com um papel fundamental na construção da identidade cultural brasileira (Matuda; Tagnin, 2014). Trata-se, portanto, de uma modalidade esportiva culturalmente enraizada, presente no dia a dia das pessoas. A alta disponibilidade de textos do gênero *match reports* (notícias que descrevem os eventos de uma partida) nas três línguas de compilação dos *corpora* nos permitiu acesso a um conjunto sólido de dados que impactou positivamente todas as fases do projeto, incluindo a disponibilidade de informações para a prática tradutória. Veremos, ainda nesta mesma seção, que o mesmo não ocorreu durante o processo de compilação do *Dicionário Olímpico*.

Passemos brevemente, agora, à microestrutura da navegação por cenários. O *frame*, no contexto do *Field*, por razões óbvias e já contextualizadas, se apresenta de forma muito mais simplificada do que na FrameNet, por exemplo. O usuário, ao acessar um *frame*, tem acesso a uma definição (que funciona mais como uma descrição da cena representada do que como uma definição, em termos mais lexicográficos), às unidades lexicais evocadas e aos *frames* relacionados – essas relações foram mapeadas principalmente a partir do cruzamento de unidades lexicais no processo de evocação dos *frames*. Há, também, uma ilustração, cujo objetivo é ajudar o usuário a visualizar a cena retratada. A figura 4 ilustra o *frame* Marcação.

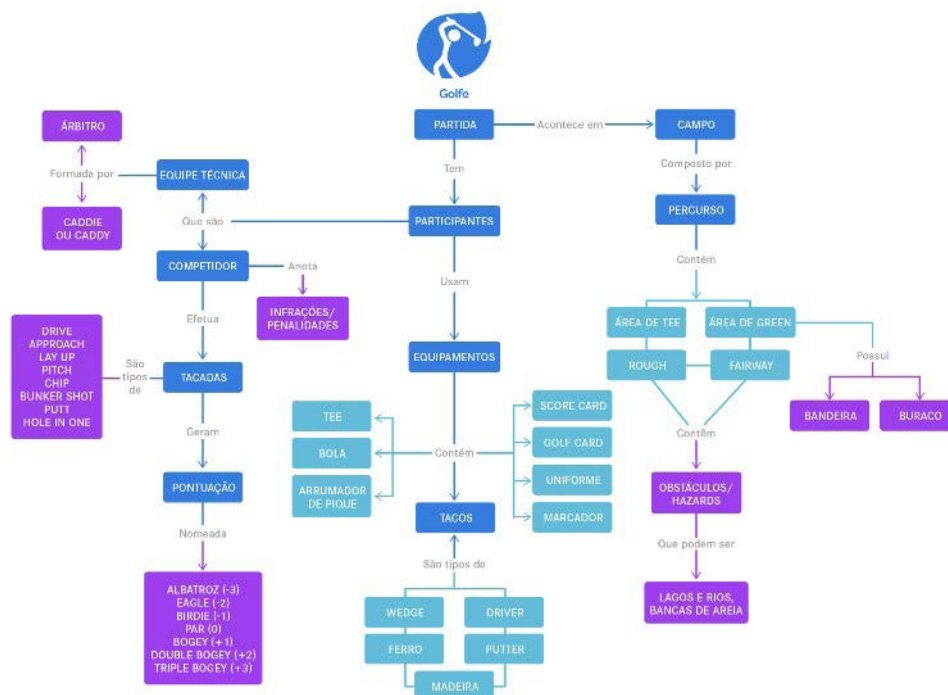
Figura 4: Tela do *frame* Marcação

Fonte: Chishman (2014).

Partindo da experiência de compilação do *Field*, o grupo passou a se dedicar ao desenvolvimento de um segundo recurso lexicográfico online baseado em *frames*, o *Dicionário Olímpico*, lançado em 2016, concomitantemente aos Jogos Olímpicos de Verão, realizados no Rio de Janeiro. A expertise adquirida ao longo do processo de elaboração do *Field*, ainda que nos tenha fornecido ferramentas para dar continuidade ao trabalho, não foi suficiente para que novos desafios não tivessem de ser enfrentados.

O *Dicionário Olímpico*, diferentemente do recurso anterior, é composto pelo léxico não de um esporte, mas de todas as 40 modalidades olímpicas que compuseram os Jogos de 2016. De certa forma, é como se tivéssemos 40 dicionários dentro de um. Isso, por si só, representa um desafio por conta da quantidade de trabalho que demanda; porém, para além desse aspecto, o *Dicionário Olímpico* teve também de lidar com a linguagem de esportes muito menos populares e difundidos do que o futebol, o que gerou diversos desafios para a compilação de *corpora*, os quais foram superados a partir de adaptações – e concessões – metodológicas (cf. Chishman *et al.*, 2018). A busca por equivalentes tradutórios foi diretamente impactada por esses obstáculos, o que levou o grupo a recorrer a materiais como manuais e guias esportivos (Chishman *et al.*, 2019). O *Dicionário Olímpico* também apresentou alguns diferenciais em relação ao *Field*, como, por exemplo, a inclusão de um mapa conceitual de cada domínio esportivo abrangido pelo recurso, como podemos ver na figura 5.

Figura 5: Mapa conceitual da modalidade esportiva do Golfe



Fonte: Chishman (2016).

Outras mudanças que valem menção, na comparação entre o *Field* e o *Dicionário Olímpico*, incluem a inserção, na página inicial de cada esporte, uma descrição da modalidade, algo que, no caso do *Field*, só aparecia como definição para os *frames*, bem como a inclusão de fotografias tanto para o domínio esportivo geral quanto para os *frames* individualmente.

Passamos, agora, à próxima seção, em que delineamos algumas reflexões sobre os processos tradutórios no contexto do terceiro projeto lexicográfico do Grupo SemanTec, ainda em desenvolvimento.

5. Desafios para a prática tradutória: reflexões no contexto da natação paralímpica

Conforme abordamos anteriormente, a natureza do *frame* semântico convida a uma perspectiva de tradução mais aberta ao processo de evocação de conhecimento enciclopédico subjacente às unidades lexicais a serem traduzidas. Nesse sentido, López (2002, p. 348) afirma que a teoria fillmoriana pode auxiliar tradutores a “diferenciar o texto e as expressões linguísticas dos conceitos, cenas ou imagens que surgem na mente do leitor ou do tradutor”¹¹. Tal perspectiva, assim, situa a tradução como processo que demanda considerar o contexto situacional e cultural de certos usos linguísticos (Hu, 2010). Desse modo, assim como a noção de *frame* pressupõe uma estrutura conceptual que é a *ponta do iceberg* na construção do significado (Fauconnier, 1997), o tradutor necessita levar em conta seus conhecimentos acerca do âmbito em que a tradução ocorre.

¹¹ No original: “to distinguish between the text and the linguistic expressions and the concepts, scenes or images that appear in the reader’s or translator’s mind”.

Nesta seção, trazemos alguns exemplos de desafios enfrentados no processo de construção do *Dicionário Paralímpico*, recurso bilíngue (português/inglês) ainda em fase de elaboração, tendo sido finalizada apenas a modalidade da natação paralímpica. Salientamos que não realizaremos propriamente análises tradutórias, algumas das quais foram sistematizadas por Vianna, Martins e Chishman (2024a, 2024b). O percurso reflexivo que traçamos aqui, o qual não havia sido feito até então, busca dar conta de um olhar mais amplo acerca do alcance do *frame* semântico no âmbito dos desafios lexicográficos enfrentados, em especial quanto à busca de equivalentes e ao potencial dessa estrutura conceitual como organizadora dessas descrições em âmbito especializado.

O *Dicionário Paralímpico* encontra-se em versão *beta*, apenas com a natação paralímpica descrita em sua totalidade. Tal como nos recursos anteriores, os usuários têm acesso tanto ao elenco de *frames* (figura 6) quanto às unidades lexicais por eles evocadas. No que tange à tradução, o recurso apresenta equivalentes e exemplos em língua inglesa, seguindo uma abordagem metodológica baseada na Linguística de *Corpus* (Berber Sardinha, 2000; McEnery; Hardie, 2012) para seleção e organização dessas unidades. Ao acessar o *frame* descrito, o consultante encontra a sua definição; um mapa conceitual, que busca dar conta da rede de *frames* relacionados; e a lista de palavras evocadoras, seguindo a estrutura que já era encontrada no *Dicionário Olímpico*.

Figura 6: Interface do *Dicionário Paralímpico*

Home > Natação > Atletas

Atletas

Os atletas da natação apresentam comprometimentos físico-motores, deficiência visual ou deficiência intelectual.

Os nadadores competem individualmente ou por equipe – quatro atletas –, nas categorias masculina e feminina; as equipes também podem ser mistas, devendo ser formadas por dois homens e duas mulheres.

Para realizar as provas no menor tempo possível e garantir uma boa colocação, os atletas devem demonstrar potência e resistência. Atletas que competem na prova individual do nado medley devem ser versáteis, pois são responsáveis por realizar quatro tipos de nado – borboleta, costas, peito e crawl. Nas provas por equipe, cada nadador é responsável pela realização de um tipo de nado.

Palavras relacionadas: nadador

Cenários relacionados: Classificação final, Equipamentos, Equipos técnica, Provas

nadador - swimmer

DESCRIÇÃO: Os nadadores paralímpicos competem nas provas de nado livre, costas, peito, borboleta, medley e revezamentos e se dividem em classes com base no tipo de limitação ou grau de deficiência.

CENÁRIO: Atletas

VARIANTE: competidor, atleta

EXEMPLOS: Quatro nadadores atingem marcas para Tóquio em seletivas paralímpicas. O nadador Andre Brasil cai na piscina do Tollcross Park, em Glasgow, na Escócia, a partir de segunda (13/07) para lutar pelo tetracampeonato mundial nas provas dos 50m e 100m livre e 100m borboleta. Os competidores começaram a se alinhar para esperar o sinal de partida. O competidor em questão foi desclassificado, pois não nadou o percurso completo.

INGLÊS: swimmer

EXEMPLOS EM INGLÊS: Only once in 11 Paralympic finals did she finish out of the medals — a super swimmer across disparate events. Brazil's Daniel Dias is the most awarded Para swimmer among active athletes. With just 200 days to go until the start of the Paralympic Games, Dai Tokairin — Para swimmer and world record holder — speaks on his preparations for his Paralympic debut at home. Silver medalist Cristopher Tronco of Mexico, also an SM2 swimmer, set an Americas record of 3:48.03, and bronze went to Israel's SM4 competitor Ami Omer Dadaon in 2:33.63.

PALAVRAS RELACIONADAS: nadador

Fonte: Chishman (2021).

Um primeiro grande desafio tradutório no contexto de um dicionário das modalidades paralímpicas concerne à compreensão da dinâmica desses esportes, a qual pode ser entendida em termos de *frames* específicos que devem ser mapeados para que se identifiquem adequadamente os equivalentes de seus respectivos evocadores. Na natação paralímpica, esse é o caso, por exemplo, do termo *tapper*, que, incorporado como estrangeirismo à língua portuguesa, pode se referir a: (i) um bastão com uma espuma na extremidade, que um técnico usa para avisar o nadador cego quando este está se aproximando da borda da piscina; (ii) o próprio técnico que segura esse bastão. Já no inglês, *tapper* é utilizado para se referir somente ao técnico; e *tapper device*, para o bastão.

Desse modo, o conhecimento acerca desse domínio específico dos esportes paralímpicos se torna primordial para que se sistematizem essas distinções entre línguas. Nas palavras de Vianna (2024, p. 298),

[...] a Semântica de *Frames* contribui para os estudos tradutórios ao apresentar as influências sociais, históricas e contextuais relacionadas ao conhecimento prévio do tradutor e aos processos cognitivos. Nesse sentido, durante o processo tradutório, o conhecimento enciclopédico auxilia o tradutor nas tomadas de decisão e nas escolhas dos equivalentes na língua de chegada.

Tal dinâmica também contribui para que conceptualizemos adequadamente a tradução para muito além de um processo de mera transferência linguística entre idiomas (Rojo; Ibarretxe-Antuñano, 2013), ignorando os processos sociocognitivos que subjazem a essa complexa atividade.

A figura 7 exibe as descrições do termo *tapper* no *Dicionário Paralímpico*, conforme o processo de evocação de *frames*. Na primeira delas, *tapper*, em língua portuguesa, evoca o *frame* Equipamentos, concernindo ao referido bastão e tendo como variante a unidade “bastão de *tapper*”. Por sua vez, na tela seguinte, *tapper* é evocador do *frame* Equipe_Técnica, ou seja, refere-se ao técnico responsável por manusear o bastão. O processo tradutório nos permitiu constatar, assim, que a polissemia presente na língua portuguesa não corresponde aos usos em língua inglesa. Tais aspectos reforçam, portanto, que “[...] os *frames* contribuem diretamente para a desambiguação da terminologia e para o processo de tradução” (Vianna; Martins; Chishman, 2024b, p. 16).

Figura 7: *Tapper* como evocador dos *frames* Equipamentos e Equipe_Técnica

tapper - sm.

DESCRIÇÃO(S):
Tapper é um bastão com ponta de espuma que serve para bater levemente sobre as costas dos nadadores para avisá-los da proximidade da borda.

CENÁRIO: Equipamentos

VARIANTE: bastão de tapper

EXEMPLO(S):
Wendell Belarmino e o técnico da natação paralímpica, Marcão, usando o tapper para avisar o atleta da sua chegada.

INGLÊS: tapping device

EXEMPLO(S) EM INGLÊS:
These athletes are required to have an assistant called a 'tapper' who uses a tapping device to let them know they are approaching a turn or the end of the race.
A new Swedish program aims to replace the Tapping device starting this year, aiming to create more independence and lowering costs for para-athletes.

tapper - sm.

DESCRIÇÃO(S):
Tappers são técnicos ou voluntários que, por meio de um bastão com ponta de espuma, ajudam a indicar ao nadador com deficiência visual a proximidade da borda da piscina.

CENÁRIO: Equipe técnica

EXEMPLO(S):
Contou com a ajuda de Marcus Espírito Santo, o "tapper", responsável por orientar a nadadora perto da chegada.

INGLÊS: tapper

EXEMPLO(S) EM INGLÊS:
Jones, who competed at the 2016 Paralympic Games, uses a tapper during competition so that she can have a more accurate flip turn.
I need to trust that my tapper will be there and will tap me correctly.
At swim meets she also uses the tapper to notify her where the wall is.

Fonte: Chishman (2021).

Nesse sentido, termos mais culturalmente marcados são ainda mais desafiadores no processo tradutório. É o caso, por exemplo, da unidade lexical *filipina*, que se refere, em português brasileiro, a um conjunto de movimentos realizados especificamente para impulsionar o nado peito. Por outro lado, em inglês, usa-se *long pull*, um termo mais genérico, que concerne a movimentos impulsionadores para além do nado peito. Dessa forma, é a localização de *long pull* como equivalente de *filipina*, situado no respectivo *frame* e com exemplos que o ilustram, que permite ao consultante compreender a ativação de uma situação específica, restrita a apenas uma modalidade de nado paralímpico. A figura 8 permite a visualização dessa descrição no *Dicionário Paralímpico*:

Figura 8: *Filipina* e *long pull* como equivalentes na evocação do *frame* Nado_Peito

filipina - sf.

DESCRIÇÃO(S):
Filipina é a denominação local que damos aqui no Brasil para um conjunto de movimentos submersos que complementam e otimizam a eficácia das saídas e viradas do nado peito.

CENÁRIO: Nado peito

EXEMPLO(S):
Durante o nado peito, o nadador mergulhou mais fundo para efetuar o movimento da filipina.

INGLÊS: long pull

EXEMPLO(S) EM INGLÊS:
During the breaststroke, the swimmer dived deeper to do the long pull.

Fonte: Chishman (2021).

Um segundo desafio a ser abordado diz respeito aos chamados equivalentes translacionais (Adamska-Sałaciak, 2016), que, conforme referido na seção 3.2, são aqueles que concernem a contextos específicos, podendo tornar o trabalho de tradução mais complexo em relação à identificação de equivalentes cognitivos, como “atleta” → *athlete* e “nado medley” → *medley swimming*. Assim, embora “distância” remeta primeiramente ao equivalente *distance*, na natação, o equivalente será *course*; da mesma forma, tanto o termo “filipina”, abordado anteriormente, quanto “puxada” (*catch*) pertencem a essa categoria, listada a seguir. Não obstante a categoria dos equivalentes cognitivos tenha sido predominante na natação paralímpica, os equivalentes translacionais encontrados reforçam que o conhecimento especializado dessa modalidade esportiva é crucial para que se encontrem os equivalentes culturais mais próximos, na falta de equivalências mais prototípicas, que implicam levar em conta aspectos conceptuais (Neubert, 1990).

Quadro 1: Lista de equivalentes translacionais da natação paralímpica

baliza (<i>mark</i>)	macaquinho (<i>kneeskin</i>)	queimar largada (<i>jump the gun</i>)
bastão (<i>tapping device</i>)	modalidade (<i>style</i>)	resultado final (<i>official result</i>)
distância (<i>course</i>)	partida (<i>start</i>)	saída (<i>start</i>)
eliminatória (<i>heat</i>)	prova (<i>event</i>)	tempo parcial (<i>time</i>)
filipina (<i>long pull</i>)	prova de revezamento (<i>relay event</i>)	tiro de largada (<i>starting signal</i>)
golfinhada (<i>dolphin kick</i>)	prova individual (<i>individual event</i>)	touca (<i>swimming cap/cap</i>)
juiz de partida (<i>starter</i>)	puxada (<i>catch</i>)	trajes de banho (<i>swimsuit</i>)

Fonte: Elaboração dos autores.

Interessante pontuar, ainda, que não foram encontradas lacunas lexicais no processo de tradução, aspecto que possivelmente esteja relacionado à institucionalização do domínio esportivo descrito, concernente a uma competição internacional organizada por entidades de diferentes países. Tal aspecto, no entanto, não amenizou os desafios na busca de equivalentes no contexto da modalidade da natação paralímpica, dado que, em comparação à modalidade olímpica, há veiculação menor de materiais oficiais que registrem e consolidem os termos da área e suas respectivas traduções. Com isso, faz-se ainda mais relevante o papel do *frame* semântico como organizador sociocognitivo do léxico paralímpico.

Considerações finais

No âmbito do desenvolvimento de um dicionário bilíngue das modalidades paralímpicas, este artigo objetivou refletir acerca do potencial da Semântica de *Frames* para lidar com desafios tradutórios. Para isso, ao delinearmos as bases teórico-epistemológicas que situam a teoria fillmoriana no campo da Linguística Cognitiva, enfatizamos também o foco desse aporte na descrição lexical, prestando-se a complexas análises para fins dicionarísticos a partir do trabalho de Fillmore em parceria com pesquisadores lexicógrafos. Essa frente resultou em conhecidos trabalhos

que enfatizaram a pertinência do *frame* semântico na construção de recursos lexicais – em especial, na modalidade online.

Em específico, situamos também a FrameNet como ferramenta lexicográfico-computacional que organiza o léxico em *frames*, com base em *corpora*. Posteriormente, retomamos a interface já consolidada entre Semântica de *Frames* e Tradução, enfocando a construção de recursos lexicográficos em âmbito especializado. Conforme buscamos então discutir, levar em conta o *frame* semântico em contexto tradutório implica ampliar o processo de busca de equivalentes para além dos itens lexicais, verificando como a (não) correspondência entre termos concerne à evocação, ou não, de estruturas conceptuais também equivalentes ou que, em alguma medida, se aproximem não obstante particularidades socioculturais.

Realizamos, ainda, um panorama quanto aos recursos lexicográficos produzidos pelo Grupo SemanTec, abordando algumas diferenças significativas entre o contexto de trabalho com a linguagem do futebol, altamente popular e proeminente no Brasil, em relação à descrição dos domínios olímpico e paralímpico – este último com disponibilidade ainda menor de *corpora*. Isso se reflete nos desafios enfrentados nesse domínio, alguns dos quais foram ilustrados por meio de exemplos que reforçam a pertinência do *frame* semântico para o campo da tradução paralímpica, em especial, quanto a três pontos:

- i. a noção de *frame* como desambiguadora em casos nos quais uma mesma palavra evoca estruturas conceptuais diferentes, de modo que um dicionário que inclua essas estruturas possa organizar, de forma pertinente, os contextos de uso de certa unidade, ora para indicar que a mesma forma linguística evoca *frames* diferentes (caso de *tapper* em português), ora para apontar que, em certos contextos, uma palavra mais genérica evoca um *frame* mais específico quando funciona como equivalente (caso da unidade *long pull* como evocadora do *frame* Nado_Peito);
- ii. a conceptualização do próprio processo tradutório, diante dessas dinâmicas, como a busca de correspondências não apenas entre unidades lexicais, mas entre *frames*;
- iii. por conseguinte, a valorização dos aspectos socioculturais atinentes à busca de unidades lexicais correspondentes, atribuindo ao tradutor um importante papel de estudioso do domínio no qual a tradução ocorre, visando à tomada de decisão quanto aos equivalentes.

Dito de outro modo, o trabalho do tradutor não pode ser visto como tarefa meramente técnica, mas como trabalho linguístico, cultural, sociocognitivo. Em tempos de desprofissionalização fomentada pelo uso cada vez mais intenso de inteligência artificial e modelos de linguagem na tradução automática, tal aspecto aponta para a valorização do percurso tradutório como trabalho que, não obstante possa se valer de diferentes recursos tecnológicos, demanda formação humana, cultural e linguística.

Por fim, salientamos que os desafios sobre os quais refletimos neste artigo apontam para a pertinência do *frame* semântico na descrição de contextos pouco midiaticizados, como é o caso dos esportes paralímpicos, resultando em *corpora* linguísticos menos robustos. Assim como ocorre na modalidade da natação, que abordamos aqui, esse aspecto também está sendo enfrentado no processo de descrição dos demais esportes paralímpicos. Tal fator corrobora ainda mais a pertinência da noção de *frame* como ferramenta teórico-metodológica que parte da – mas não se limita à – materialidade lexical de cada domínio especializado a ser traduzido.

Agradecimentos

Esta pesquisa conta com o apoio do CNPq, por meio do Edital Pesquisador Produtividade, Chamada 09/2022 – PQ, processo 305393/2022-7, e da FAPERGS, por meio do Edital Pesquisador Gaúcho – 07/2021, termo de outorga 21/551-0002211-6.

Referências

- ADAMSKA-SALACIAK, A. Explaining Meaning in Bilingual Dictionaries. In: DURKIN, Philip. (ed.) *The Oxford Handbook of Lexicography*. Oxford University Press, 2016. pp. 144-160.
- ATKINS, B. T. S.; RUNDELL, M. *The Oxford Guide to Practical Lexicography*. New York: Oxford University Press, 2008.
- BAKER, C. F.; FILLMORE, C. J.; LOWE, J. B. The Berkeley FrameNet project. In: CONFERENCE COLING-ACL, 1998, Montreal. *Proceedings [...]*. Montreal: University of Montreal, 1998. pp. 86-90.
- BERBER SARDINHA, T. Linguística de *Corpus*: Histórico e Problemática. *Revista D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 16, n. 2, pp. 323-367, 2000.
- BOAS, H. C. Frame Semantics and Translation. In: ROJO, A.; IBARRETXE-ANTUÑANO, I. (ed.). *Cognitive Linguistics and Translation: Advances in Some Theoretical Models and Applications*. Berlin; Boston: De Gruyter Mouton, 2013. pp. 125-158.
- BOAS, H. C.; DUX, R. From the past into the present: From case frames to semantic frames. *Linguistics Vanguard*, v. 3, n. 1, 2017.
- CHISHMAN, R. L. O. *Field – Dicionário de Expressões do Futebol*. São Leopoldo: Unisinos, 2014.
- CHISHMAN, R. L. O. *Dicionário Olímpico*. São Leopoldo: Unisinos, 2016.
- CHISHMAN, R. L. O. *Dicionário Paralímpico* (beta). São Leopoldo: Unisinos, 2021.
- CHISHMAN, R. L. O.; SANTOS, A. N.; SOUZA, D. S.; PADILHA, J. G. M. The relevance of the Sketch Engine software to build Field –Football Expressions Dictionary. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 23, n. 3, pp. 769-796, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/relin/article/view/28439>. Acesso em: 26 abr. 2025.

CHISHMAN, R. L. O.; BRANGEL, L. M.; SOUZA, D. S.; SANTOS, A. N.; SILVA, B.; OLIVEIRA, S. Dicionário Olímpico: a semântica de *frames* encontra a lexicografia eletrônica. In: FINATTO, M. J. B.; REBECHI, R. R.; SARMENTO, S.; BOCORNY, A. E. P. *Linguística de Corpus: perspectivas*. Porto Alegre: Instituto de Letras – UFRGS, 2018.

CHISHMAN, R. L. O.; SANTOS, A. N.; SILVA, B.; BRANGEL, L. M. Challenges and Difficulties in the Development of *Dicionário Olímpico* (2016). In: *eLex – Electronic Lexicography in the 21st Century: Smart Lexicography*, 2019, Sintra. Proceedings of the eLex 2019 Conference. Brno: Lexical Computing CZ, 2019. pp. 622-641. Disponível em: https://elex.link/elex2019/wp-content/uploads/2019/09/eLex_2019_36.pdf. Acesso em: 19 abr. 2025.

CROFT, W.; CRUSE, A. *Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

CZULO, O. Aspects of a primacy of frame model of translation. In: HANSEN-SCHIRRA, S.; CZULO, O.; HOFMANN, S. (ed.). *Empirical modelling of translation and interpreting*. Berlin: Language Science Press, 2017. pp. 465-490.

FILLMORE, C. J. Frame Semantics. In: LINGUISTIC SOCIETY OF KOREA (Ed.). *Linguistics in the Morning Calm*. Seoul: Hanshin Publishing Co., 1982. pp. 111-137.

FILLMORE, C. J. Frames and the semantics of understanding. *Quaderni di Semantica*, [s.l.], v. 6, n. 2, pp. 222-254, 1985.

FILLMORE, C. J. Double-decker definitions: the role of frames in meaning explanations. *Sign Language Studies*, [s.l.], v. 3, pp. 263-295, 2003.

FILLMORE, C. J. Semântica de *Frames*. *Cadernos de Tradução*, n. 25, jul./dez. 2009.

FILLMORE, C. J., ATKINS, B. T. S. Toward a Frame-based Lexicon: The Semantics of RISK and its Neighbors. In: LEHRER, A.; KITTAY, E. (ed.). *Frames, Fields and Contrasts: New Essays in Semantic and Lexical Organization*. Hillsdale: Erlbaum, 1992. pp. 75-102.

FILLMORE, C. J.; JOHNSON, M.; PETRUCK, M. Background to FrameNet. *International Journal of Lexicography*, [s.l.], v. 16, n. 3, pp. 235-250, 2003.

FILLMORE, C. J.; BAKER, C. A frames approach to semantic analysis. In: HEINE, B.; NARROG, H. (ed.). *The Oxford Handbook of Linguistic Analysis*. New York: Oxford University Press, 2010. pp. 313-339.

FABER, P.; MÁRQUEZ LINARES, C.; VEGA EXPÓSITO, M. Framing terminology: a process-oriented approach. *Meta*, v. 50, n. 4, pp. 545-562, 2005.

FAUCONNIER, G. *Mappings in thought and language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

GAMONAL, M.; TORRENT, T. T. Diretrizes para a criação de um recurso lexical multilíngue a partir da semântica de frames: a experiência turística em foco. *Domínios de Linguagem*, Uberlândia, v. 9, pp. 56-75, 2015.

GOUWS, R. Bilingual Dictionaries and Communicative Equivalence for a Multilingual Society. *Lexikos*, Stellenbosch, v. 6, pp. 14-31, 1996.

A semântica de *frames* aplicada à lexicografia eletrônica: reflexões sobre o desenvolvimento de um dicionário bilíngue

- GOUWS, R. Equivalent relations, context and cotext in bilingual dictionaries. *Hermes*, [s.l.], n. 28, pp. 195-209, 2002.
- HU, S. Context of situation in translation. *Journal of Language Teaching and Research*, [s.l.], v. 1, n. 3, pp. 324-326, 2010.
- LAKOFF, G. Experiential factors in linguistics. In: SIMON, T.; SCHOLLES, R. (ed.). *Language, mind, and brain*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum, 1982. pp. 142-157.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Philosophy in the flesh*: The embodied mind and its challenge to western thought. Nova York: Basic Books, 1999.
- LAKOFF, G.; ABREU, H. A. Entrevista - George P. Lakoff. *Revista Linguística*, v. 12, n. 1, pp. 9-16, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/4515/3286>. Acesso em: 17 abr. 2025.
- LÓPEZ, A. M. R. Applying Frame Semantics to Translation: A Practical Example. *Meta*, [s.l.], v. 47, n. 3, pp. 312-350, 2002.
- MATUDA, S.; TAGNIN, S. E. O. A terminologia do futebol: um estudo direcionado pelo *corpus*. *Letras & Letras*, v. 30, n. 2, pp. 214-243, 2014.
- MCENERY, T.; HARDIE, A. *Corpus Linguistics: Method, Theory and Practice* Cambridge: Cambridge University Press, 2012.
- NEUBERT, A. Fact and fiction of the bilingual dictionary. In: *EuraLEX '90s Proceedings*. Barcelona: Bibilograf, 1992. pp. 29-42.
- OSTERMANN, C. *Cognitive Lexicography: A New Approach to Lexicography Making Use of Cognitive Semantics*. Berlin; Boston: De Gruyter Mouton, 2015.
- PETRUCK, M. R. L. Frame Semantics. In: ÖSTMAN, J-O; VERSCHUEREN, J.; BLOMMAERT, J. (ed.). *Handbook of Pragmatics*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 1996.
- ROJO, A.; IBARRETXE-ANTUÑANO, I. Cognitive Linguistics and Translation Studies: Past, present and future. In: ROJO, A.; IBARRETXE-ANTUÑANO, I. (ed.). *Cognitive Linguistics and Translation: Advances in Some Theoretical Models and Applications*. Berlin; Boston: De Gruyter Mouton, 2013. pp. 3-29.
- SALOMÃO, M. M. FrameNet Brasil: um trabalho em progresso. *Calidoscópio*, São Leopoldo, v. 7, n. 3, pp. 171-182, 2009.
- SCHMIDT, T. The Kicktionary – A multilingual lexical resource of football language. In: BOAS, H. C. (ed.) *Multilingual FrameNets in computational lexicography: Methods and applications*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2009,
- SCHRYVER, G-M. Lexicographers' dreams in the electronic age. *International Journal of Lexicography*, v. 16, n. 2, pp. 143-199, 2003.

VIANNA, A. L. T. *Semântica de Frames, harmonização terminológica e computação: o uso de frames semânticos como princípio organizador para a harmonização de termos e conceitos e a representação do conhecimento em Large Language Models*. 2024. 327 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2024.

VIANNA, A. L. T.; MARTINS, M. L.; CHISHMAN, R. L. O. Challenging aspects related to the translation and exemplification of lexical units in the Paralympic Dictionary. *In: INTERNATIONAL CONFERENCE LEXICOGRAPHY IN THE XXI CENTURY*, 2024, Tbilisi. Proceedings of the International Conference Lexicography in the XXI Century. Tbilisi: [s.n.], 2024a. Disponível em: https://lexicography21.iliauni.edu.ge/wp-content/uploads/2024/07/18_Ana-Luiza-Treichel-Vianna-Mikaela-Luzia-Martins-Rove-Luiza-de-Oliveira-Chishman.pdf. Acesso em: 30 mar. 2025.

VIANNA, A. L. T.; MARTINS, M. L.; CHISHMAN, R. L. O. A Semântica de *Frames* como um fator desambiguador da terminologia bilíngue de dicionários especializados. *In: Perspectivas Contemporâneas em Lexicografia II: AmericaLex-S Congresso Inaugural*. Anais..., São Paulo: USP, 2024b. Disponível em: <https://www.even3.com.br/ebook/americalexinauguralconferencevolume02/1089053-A-SEMANTICA-DE-FRAMES-COMO-UM-FATOR-DESAMBIGUADOR-DA-TERMINOLOGIA-BILINGUE-DE-DICIONARIOS-ESPECIALIZADOS>. Acesso em: 12 mar. 2025.

ZGUSTA, L. Equivalents and Explanations in Bilingual Dictionaries. *In: JAZAYERY, M. A., POLOME, E.; WINTER, W. (ed.). Studies in Honor of Archibald A. Hill*. Mouton: The Hague, 1979. pp. 385-392. v. 4.